

O MUSEU DA MEMÓRIA DO BIXIGA

AP - Eu não tinha nem noção do que era um museu de verdade. A gente teve uma luta muito grande para tentar manter o bairro do Bixiga. De 20 anos atrás, a gente ficou com medo com o que aconteceu no Brás e achou que só divulgando bastante o bairro, fazendo bastante “buchicho”, as autoridades poderiam perceber o potencial turístico que tem o bairro. Então, a gente fazia umas 10 festas por ano, isto só para promover o bairro. Numa ocasião, eu tive uma idéia e falei para o meu genro.

MV - Em que ano foi isso?

AP - Como eu disse, começou o “buchicho” há 20 anos atrás, em 1970. Em 1980, eu pensei: Puxa, se eu arrumasse uma casa para fazer o museu e divulgar o bairro, as coisas do Bixiga e não mostrar o bairro só quando vinham autoridades, porque eu também fazia festas anuais.

MV - Essas 10 festas anuais eram do que?

AP - A gente fazia a lavagem do Bixiga.

MV - Da igreja?

AP - Não, do escadão do morro. [morro dos Ingleses] Era uma imitação da lavagem da escada do Bonfim, só que não tinha cunho religioso, depois a gente fazia a Maratoma.

MV - Dessa lavagem, quem participava?

AP - Eu e uma Sociedade chamada *Cães Vadios*, aqui do bairro.

MV - Existe ainda?

AP - Existe

MV - E esta Sociedade tem o nome de *Cães Vadios* por quê?

AP - Eles freqüentavam a minha cantina, inclusive, quando eles foram registrar - porque o nome é *Sociedade Esportiva e Etilica Cães Vadios* - eles não puderam porque não pode ter a palavra etílico.

MV - São todos moradores do bairro?

AP - Quase todos. Foi fundada na Maria José, mas não tinha sede.

MV - Em alguma casa especial?

AP - Não. É a Sociedade mais inteligente que eu já vi até hoje, a que eles

fundaram. Eles gostam muito de beber e de fazer parte das festas, então eles não têm sede, não têm nada. Quando tem a festa da Chiropitta, eles compram 50 convites e ocupam a Praça da Chiropitta para uma reunião deles. Tem festa do chopp lá em Santa Catarina, eles compram 50 convites e vão. Entendeu? Esta Sociedade dá o título de Comendador a algumas pessoas. O 1º Comendador da Sociedade fui eu, o 2º foi o Goulart de Andrade, o 3º foi o Fausto Silva e o 4º foi o Carlito Maia. Para receber esta comenda a única exigência é que tem de ser completamente irresponsável.

MV - E a Maratoma?

AP - A Maratoma é uma corrida que é arranjada aqui no bairro, de 3 km, a cada 500ms tem um posto de chopp. O corredor é obrigado a beber 2 chopps em cada posto, senão é desclassificado. Na 1ª Maratoma, na parte feminina, a vencedora foi a Jane Duboc.

MV - Quando foi isso?

AP - Há uns 5 anos.

MV - Participam homens e mulheres?

AP - É, participam homem e mulher.

MV - Então as festas anuais principais são a da Achiropitta e a Lavagem do "Escadão"?

AP - Não, tem mais como o Bolo de Aniversário de São Paulo.

MV - A idéia dessa festa nasceu quando?

AP - Em janeiro.

MV - Há quanto tempo o senhor a está fazendo?

AP - Há 8 anos. Em fevereiro, é o Bloco Esfarrapado que é feito por mim há 45 anos, na 2ª feira de carnaval, aqui pelo bairro, com quase 10 mil pessoas.

MV - O grupo participava da Semana Santa?

AP - Não, porque a Semana Santa tem a procissão.

MV - E depois da Semana Santa que mais vocês têm?

AP - Em janeiro é o Bolo, em fevereiro é o Bloco Esfarrapado; em março é a Maratoma, em abril, a Lavagem do Bixiga.

MV - Vai haver alguma participação na Semana Santa, neste ano?

AP - Esse ano não tem *Paixão* porque a situação não está boa.

Vamos voltar: em abril a *Lavagem do Bixiga*; em junho a festa *Junina* que sou eu que faço na rua Rui Barbosa; tem umas 10 barracas que eu dou para instituições beneficentes do bairro; em agosto a grande festa de *Nossa Senhora da Chiropitta*, que vai o mês todo; em setembro, a Festa da Primavera, e só. Tem eventos fixos - eu estou falando do Bixiga - todo domingo à noite você encontra na quadra do *Vai-Vai*, na Praça 14 Bis, tem a *Rua do Samba*, começa as 7 da noite e vai até 11, por aí. Todo domingo, na Praça D. Orioni, na rua 13 de Maio, altura do número 200, tem a *Feira de Troca*.

MV - Essa feira nasceu por iniciativa de vocês?

AP - Eu que trouxe ela para aí, mas a idéia foi do dono do *Pirandello*, o Maschio. Eu fazia parte do Conselho de Turismo de São Paulo, no tempo que o João Dória era o presidente e o Maschio apresentou essa idéia e o João Dória apresentou para mim, se aqui no Bixiga tinha um lugar. Aí eu apresentei a Praça e nos inauguramos a Praça. Somente trocas, depois foi que desvirtuou.

MV - E hoje é o quê?

AP - Hoje é uma feira comunitária, vende de tudo.

MV - Ela é famosa. E você não tem participação nela?

AP - Eu tinha... Os meus óculos quebraram, então pra ler eu não enxergo nada, pra longe eu enxergo bem. Eu fui na feira domingo e tinha mais de mil óculos nas barracas. Experimentei, experimentei e achei esse, que nenhum oculista receitou. Pronto, assim, dois mil cruzeiros. Mas a única coisa super importante a senhora ainda não me deixou falar. É que eu pensei: se eu arrumar um lugar e montar um museu vai ser uma grande divulgação do bairro porque um bairro que tem um museu é um bairro que tem alguma coisa a preservar. Na casa onde eu nasci, na Rua dos Ingleses 165, defronte quase daqui, desocupou uma parte em cima e eu pedi para os meus irmãos me cederem aquela parte e eu montei um museu lá. Como já disse umas duas vezes, eu não tinha nem idéia - isso é uma coisa super importante que eu faço questão de dizer - do que era um museu; só conheci o museu do Ipiranga com 10 anos de idade.

MV - O nome já era este?

AP - Em 1963, havia um jornal O Bixiga e, pela primeira vez na vida, vi escrito Bixiga, daí copieei o nome.

MV - E por que Bixiga?

AP - Porque todo mundo fala Bixiga, ninguém fala Bexiga. Em 1933, a palavra Bexiga tinha acabado, tinha virado Bela Vista de novo e a única coisa que a gente guardava era a palavra Bixiga. Eu fui presidente do Vai-Vai quando o Vai-Vai era cordão. Ele não tinha samba-enredo, era uma música que a gente cantava sempre, então a música:

Quem nunca sambou na vida

Primeira vez que conheceu foi no Bixiga

Eu estou contando isso porque nesse jornal eu acumulei muitas fotos. No início do Museu, eu tinha até vergonha porque, o camarada entrava, era quase tudo gente da minha família e como aqui no bairro todo mundo me conhece assim como um "cabeça fresca", um cara meio louco, a turma logo de cara relutou um pouco, mas depois quando o Museu fez um ano e eles viram que a coisa era para valer, o bairro inteiro começou a trazer coisa. E, hoje, a dificuldade do Museu é guardar as coisas que tem. A gente tem que ser honesto. Você sabe o que o Museu do Bixiga virou? Eu não sei se a palavra se encaixa bem - eu faço questão de guardar tudo. Tenho dificuldade nas palavras porque eu sou semi-analfabeto, eu só tenho o 4º ano primário e ainda fui daqueles alunos relaxados.

MV - É memória.

AP - Virou um "depositório dos mortos". É duro jogar coisa de morto fora. Então, morre um pessoa tradicional do bairro, a família junta tudo e quando eu dou fé já está tudo empilhado no terraço. Então, Maria, a importância deste Museu é porque destas 10 mil fotos que o Museu tem, se ele não existisse, muitas delas já estavam no lixo. Eu montei o Museu e sem querer mudei a forma de museologia no Brasil, porque é o único Museu do Brasil onde o camarada pega as coisas com a mão, olha, vê. Há um ano e meio atrás, teve um Simpósio no Canadá estudando o Museu do Bixiga.

MV - Mas ninguém leva embora coisa alguma.

AP - Nada, é inacreditável. Mas, Maria, eu infringi todas as regras da museologia, todas. Eu achava que não precisava de ninguém porque o aluguel

da casa, que era minha mesmo, eu não pagava. Então, eu pagava água, luz, telefone, e uma mulher para dar uma limpeza uma vez por semana. Mas hoje, eu já estou começando a sentir dificuldades porque as peças estão se deteriorando. Então, eu já sinto a falta do dinheiro e foi por isso que eu montei a cantina no fundo. Por exemplo, você ganha uma foto interessante, se você manda fazer um quadro, é uma nota hoje. Um quadro com moldura é uma nota. Uma peça arrebenta um pedaço, para você consertar hoje só se fala em 50 mil, 100 mil. Quando eu iniciei o Museu, quem me deu uma grande força foi a Valdizia Russo, era a única professora no Brasil que tinha o título de pós-graduação em museologia. Ela morreu no México.

MV - Ela estava no Museu do Ipiranga?

AP - Ela não era em São Paulo uma pessoa de museologia, era mulher daquele que escrevia livro, o Guarnieri...

MV - Camargo Guarnieri?

AP - É, Camargo Guarnieri. Ela estava dando um curso de museologia no México e morreu lá. E todas as grandes autoridades que vinham, do mundo, onde primeiro trazia era no Museu. No início do Museu, os alunos dela estagiavam aqui.

MV - O senhor poderia falar alguma coisa sobre o homem do Bexiga? Existe um tipo de população diferente do resto da cidade de São Paulo? Este imigrante que está aqui, o que ele deixou para o bairro. Eu já vi, pelas festas, que alguma coisa foi incorporada de fora. Ele trouxe algum costume que passa de família para família? Alguma coisa da qual se diga: este é um homem do Bexiga, fruto da imigração? O senhor sente isso?

AP - Eu tive grandes brigas com o Francisco Capuano que é da USP e o Domingos, que é um grande professor da USP. Houve uns debates aqui no bairro para este concurso da Prefeitura - pela primeira vez no Brasil houve um concurso para a restauração do Bixiga em nível nacional - nos debates eles dizem - porque geralmente, estas pessoas conheciam o Bixiga à noite. O Bixiga até 6 horas da tarde guarda 80% daquele bairro do início do século e à noite nós perdemos o Bixiga, nem nós mesmos freqüentamos à noite o Bixiga. Eu não guardo a noite. Há centenas e centenas de pessoas estranhas que vêm aos teatros, cantinas, no baixo Bixiga, lá na rua Santo Antonio, a molecada que junta 10 mil, 20 mil cada noite.

MV - Então existem dois Bixigas: o Bixiga do dia e o Bexiga da noite?

AP - O Bixiga do dia mantém 70% daquele Bixiga do início do século, onde todo mundo se conhece, onde um vai na casa do outro. Para você ter uma idéia, a Rua dos Ingleses, do teatro Ruth Escobar até a Conselheiro Carrão, tem 5 a 6 casas só que não são de família italiana, são firmas ou não são italianos. O resto tudo é.

MV - Isso mais ou menos acontece nas outras ruas também?

AP - Tem muitas assim, mas a influência italiana no bairro ainda é muito grande e o que nós quase perdemos é a Rua 13 de Maio que está se transformando quase toda ela em comércio.

MV - Antes o que era?

AP - Tudo casa. Se nós voltarmos 50 anos atrás, em 1940, o Bixiga tinha 90% de italianos, o Brás sempre teve muito italiano, espanhol... O Bixiga não, o Bixiga foi um bairro tipicamente italiano, tirando a Saracura que é a parte da Marques Leão, Rua Rocha ali moravam muitos portugueses e negros.

MV - Estes negros eram descendentes de gente que já veio ou tinham raízes aqui?

AP - Não, eram todos descendentes de escravos.

MV - A família desses moradores tinha uma tradição?

AP - Os portugueses e os italianos, as casas, se você olhar, até hoje, presta atenção Maria, porque isto é uma encrenca... Quando eu estava numa reunião, numa palestra que este senhor- que inclusive nasceu no bairro - falou que o Bixiga tinha 80% de verticalização. Eu, na hora levantei - ele não falou do Bixiga, ele falou da Bela Vista - porque o Bixiga não tinha nem 10% de verticalização, o Bixiga não existe oficialmente, ele é o miolo da Bela Vista. Por exemplo, o Maksoud Plaza está na Bela Vista, mas não está no Bixiga, a Avenida Paulista é Bela vista mas não é Bixiga. Então, a grande pergunta que me fazem é: o que é o Bixiga? O Bixiga é um estado de espírito, você sente quando está no Bixiga.

MV - E esse estado de espírito faz com que as pessoas distingam o Bixiga da Bela Vista exatamente?

AP - A grande pergunta que me fazem também é: esse espírito de Bixiga não vai acabar? É difícil. Por quê? Porque nós, os tradicionais do bairro, que somos milhares e milhares, nós somos acostumados do jeito do meu avô, do meu pai. Para nós, é impossível não conhecer um vizinho, um indivíduo que more no mesmo bairro, um cara que more perto de casa. Então, às vezes, como aconteceu no Morro dos Ingleses, que derrubaram casas onde moravam 5, 6 famílias tradicionais, construíram prédios e vieram centenas de pessoas estranhas. Mas na 8ª. 6ª vez que as pessoas passam pela gente, a gente diz: "Oba, você está morando aí? Você não quer jogar bola, jogar baralho?" Então, o cara acaba se integrando, daqui a pouco ele está falando igual a nós, está participando. Por exemplo, o principal organizador da festa de Chiropitta mora no bairro só há 15 anos, hoje ele é um bixiguento pior do que eu. Ele fala com as mãos, fala palavrão. Esse espírito de coletividade vai ser difícil acabar.

MV - E o papel da Igreja nisso tudo? O que foi que aglutinou esse povo, foi a Igreja ou foi esse espírito vindo de fora para dentro?

AP - A Igreja Nossa Senhora da Chiropitta tem a catedral de Nossa Senhora da Chiropitta em Rossano, na Calábria, que é a cidade de onde são 80% dos fundadores do Bixiga.

MV - 80% dos moradores?

AP - Não, dos fundadores, do início, vieram quase todos de lá da Calábria em 1870, por aí. Todos vieram para cobrir a mão-de-obra do negro nas fazendas de café e dela trouxeram a imagem da santa. Com exceção da Igreja de Nossa Senhora da Chiropitta, na Calábria, a única do mundo é a nossa.

MV - Foram eles que a trouxeram, então?

AP - Foram eles que trouxeram a imagem e os próprios calabreses trabalharam na construção da igreja, nos domingos, sábados. A igreja era o ponto de encontro. Passados os anos, então se você quiser saber, eu, por exemplo, nem faço parte nem sou paroquiano, vou na igreja, converso com todo mundo e 90% dos meus amigos ninguém é paroquiano. Isso é tão importante que os paroquianos ficam assim meio afastados dessa turma que não é paroquiano.

MV - E os que freqüentam a igreja têm alguma reserva com o Museu? Acham que vocês são baderneiros, bagunceiros, por isso não vêm?

AP - A gente não é bagunceiro, mas a gente joga baralho, agora eles não podem ter nada contra nós, como nós não temos nada contra eles. Somos amigos, mas, por exemplo, no Bloco dos Esfarrapados são pouquíssimos os paroquianos que saem. Na igreja são pouquíssimos os da minha turma que vão. Na procissão da Chiropitta todo mundo vai. Em 1978, ela tinha sido restringida a 2, 3 barracas no fundo da igreja porque a festa existe deste 1908, aí foi fundada uma Sociedade aqui no bairro, chamada União do Bixiga e essa sociedade formou uma Comissão composta por Valter Taverna, por mim e por um tal de Luís que fizeram a grande cantina; depois de dois anos, em 80 e 81, os paroquianos acharam que só eles deviam trabalhar na festa. Hoje, a festa é organizada só pelos paroquianos, mas quem botou a festa pra rua foi esta Sociedade que não tinha nada que ver com a igreja.

MV - Em 1940 você tinha 10 anos. Como era o bairro?

AP - O Bixiga nunca teve uma grande indústria, uma grande casa de comércio. Por quê? Porque os italianos que fundaram o bairro vieram aqui para cobrir a mão-de-obra do negro. E quando eles eram levados para uma fazenda onde viravam escravos, eles fugiam e vinham aqui para os campos do Bixiga e formaram esse bairro. Eles não sabiam fazer nada a não ser cavocar a terra e foram colocados todos em sub-empregos. Meu avô vendia queijo pela rua, outro vendia sardinha, outro alho, outro batata. então, quando você chega perto de um homem como meu pai, em 1940.... Ninguém do Bixiga tinha nada que fazer fora do Bixiga. E ninguém de fora tinha que vir aqui no Bixiga. Fazer o quê? Então isso virou assim - não sei se a palavra é certa - num gueto, tanto que, em 1940, quando a gente via um estranho passar na rua, parava o bairro: "Quem é esse cara? O que ele está fazendo aqui?" Eu tenho 30 [mil] amigos na minha idade, porque nós somos da mesma geração, nenhum de nós é casado com uma mulher de fora.

MV - A última coisa a perguntar já foi dita, os recursos para o museu não existem e a experiência do grupo na fase de recuperação e preservação da memória também já foi comentada. Essa experiência ninguém tinha. Isso foi se formando aqui dentro, vocês foram adquirindo essa idéia de preservar. Não foi isso?

AP - O que eu acho superimportante. Eu vou mais longe, eu acho que todo bairro devia ter, com ajuda oficial, um museu. Porque, Maria, você que está aqui no local, eu nunca falo que isto aqui é um museu. Isso aqui é um ponto de referência para o camarada conhecer o bairro. Porque o bairro é um museu. Por exemplo, a Padaria São Domingos é uma parte do acervo do Museu. O salão de barbeiro do Gaetano, na rua Fortaleza que seria um sonho meu se o governo pegasse essas coisas.

MV - A padaria é aquela da rua São Domingos?

AP - É a Padaria São Domingos, da família Albanesi.

MV - O outro seria?

AP - O salão do Gaetano, o barbeiro.

MV - Ainda é?

AP - Ainda é. Então eu estou dando uns exemplos. Tem centenas de coisas assim. O último poste de lampião a gás que tem aqui no bairro.

MV - Mais algum outro que tenha significado?

AP - A Padaria Basilicata, a Cantina do Américo, na rua Conselheiro Ramalho, a sede da Associação Atlética Lusitana, a igreja Nossa Senhora da

Chiropitta, o TBC que é o iniciador do teatro profissional no Brasil.

MV - Mas o TBC já é mais moderno, não é?

AP - Como moderno? O prédio?

MV - Não, o teatro.

AP - É de 1949.

MV - Foi quando se iniciou o teatro?

AP - O teatro profissional no Brasil. A casa de dona Iaiá.

MV - Essa casa da dona Iaiá é aquela enfrente a casa do Estudante?

AP - O poste está aqui na Praça D. Orioni, o último de lampião a gás. O escadão do morro construído em 1919, do morro à Praça D. Orioni.

MV - A Praça D. Orioni já existia como praça?

AP - Não, eram casas. Derrubaram tudo e estão construindo aquele viaduto em cima da 13 de Maio e ali virou uma praça.

MV - Então ela já é mais recente, mas já se integrou ao bairro, não é?

AP - O D. Orioni era um padre italiano que andou o mundo inteirinho e em todas as grandes cidades do mundo ele formava uma sociedade chamada Pequeno Cotonlengo, em toda cidade ele arranjava uma igreja que seria a sede do Pequeno Cotonlengo e por felicidade ele escolheu a igreja de Nossa Senhora da Chiropitta para ser a sede do Pequeno Cotonlengo e hoje, depois que ele morreu, passou a se chamar Pequeno Cotonlengo de D. Orioni. Então, ele esteve aqui no bairro e ficou quase dois meses, e o Bixiga tem esse privilégio porque hoje ele é santo e beato [...] só falta um passo para a beatificação.

MV - E isso foi por volta de quando?

AP - Em 1927. Então o Bixiga teve esse privilégio, um santo que inaugurou aqui um recolhimento e uma praça. Ele estava hospedado na casa da mãe da D. Rosinha. A D. Rosinha ainda é viva e me contou tudo isso.

MV - E a casa da mãe da D. Rosinha era pensão?

AP - Não.

MV - E onde era a casa?

AP - Onde é o Posto de Gasolina hoje, na rua Conselheiro Carrão, esquina com a Rua dos Ingleses.

MV - Armandinho Puglisi encerrou o seu depoimento com esta frase: "O Museu do Bixiga conta a história dos `varridos` do bairro. E a sua filosofia".

(Entrevista com Armando Puglisi, realizada por Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, em 4 de fevereiro de 1992).